

Processo de inclusão escolar de estudantes com TEA:

em perspectiva o desenho universal para aprendizagem

School inclusion process for students with ASD:

universal design for learning in perspective

Proceso de inclusión escolar de estudiantes con TEA:

diseño universal para el aprendizaje en perspectiva

 **MARIA CAROLINA FRANÇA RIBEIRO***

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul – SP

 **ELIZABETE CRISTINA COSTA-RENDERS****

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul – SP

RESUMO: Este artigo entende que todos/as os/as estudantes têm direito à educação escolar, sob o olhar atento e cuidadoso da escola e do/a professor/a. Apresenta resultados de pesquisa sobre o Desenho Universal para Aprendizagem – DUA, que pode ser um suporte para professores/as, escola e pais/mães, desenvolvendo uma prática em sala de aula inclusiva. Buscando *as contribuições do DUA no processo de alfabetização inclusivo, em sala de aula onde há crianças com e sem Transtorno do Espectro Autista – TEA*, partiu-se de pesquisa narrativa com duas professoras, utilizando coleta de dados e rodas de conversa. Isso oportunizou uma reflexão sobre a abordagem pedagógica inclusiva baseada no DUA e na Pedagogia dos Multiletramentos, bem como a construção de um objeto de aprendizagem – trata-se de um caderno didático que busca apoiar professores/as com estratégias inclusivas para o período de alfabetização.

* Mestre em Educação. E-mail: <carolinafranribeiro@gmail.com>.

** Doutora em Educação. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. E-mail: <elizabetecostarenders@gmail.com>.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Desenho Universal para Aprendizagem. Formação docente. Alfabetização. Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT: This article understands that all students have the right to school education under the attentive and careful eye of the school and the teacher. It presents research results on the Universal Design for Learning – UDL, which can support teachers, schools and parents to develop an inclusive classroom practice. Considering *the contributions of UDL in an inclusive literacy process in a classroom where there are children with and without autism spectrum disorder – ASD*, narrative research with two teachers was carried out through data collection and conversation circles. This provided an opportunity to reflect on the inclusive pedagogical practice based on UDL and Multiliteracies Pedagogy, as well as the construction of a learning object – a textbook that aims to support teachers with inclusive strategies for the literacy period.

Keywords: Inclusive Education. Universal Design for Learning. Teacher training. Literacy. Autism Spectrum Disorder.

RESUMEN: Este artículo entiende que todas/os las/os estudiantes tienen derecho a la educación escolar, bajo la atenta y atenta mirada de la escuela y de la/del docente. Presenta resultados de investigación sobre Diseño Universal para el Aprendizaje – DUA, que puede ser un apoyo para docentes, escuelas y madres y padres de familia, desarrollando una práctica de aula inclusiva. Buscando *los aportes del DUA al proceso de alfabetización inclusiva, en aulas donde hay niñas/os con y sin trastorno del espectro autista – TEA*, comenzamos con una investigación narrativa con dos maestras, utilizando recolección de datos y círculos de conversación. Esto brindó la oportunidad de reflexionar sobre el enfoque pedagógico inclusivo basado en la DUA y la Pedagogía de las Multiliteracias, así como la construcción de un objeto de aprendizaje – un libro de texto que busca apoyar a las/os docentes con estrategias inclusivas para el período de alfabetización.

Palabras clave: Educación inclusiva. Diseño Universal para el Aprendizaje. Formación docente. Alfabetización. Trastorno del espectro autista.

Introdução

Ao longo dos anos, notamos a importância da atualização em atividades profissionais sobre os mais diferentes temas relacionados à Educação, como a demandada pelo paradigma da inclusão (MANTOAN, 2003). Sabemos que ainda existe dificuldade por parte da maioria dos/das profissionais da área de Educação na construção de abordagens pedagógicas inclusivas. No caso do Brasil, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) é um suporte importante, mas ainda são grandes os desafios enfrentados nos processos de inclusão escolar.

Por isso, a partir de estudos e pesquisas sobre o Desenho Universal para Aprendizagem – DUA, entendemos que essa base conceitual busca apoiar os/as professores/as com estratégias de ensino que considerem todos/as os/as alunos/as. A partir do conhecimento das redes neurais de aprendizagem, o DUA busca ofertar múltiplas possibilidades para o ensino, se propondo a responder às necessidades de diferentes estudantes, removendo barreiras pedagógicas na escola para garantir a acessibilidade curricular e reduzir adaptações curriculares individuais.

Neste artigo, apresentamos os resultados de uma pesquisa sobre a prática inclusiva a partir do que foi relatado por duas professoras, visando favorecer situações de aprendizagem na construção do pensamento alfabético também pelas crianças com Transtorno do Espectro Autista – TEA. Acreditamos que essas crianças necessitam de um olhar diferenciado no processo de ensino-aprendizagem, numa comunidade escolar que as respeite e apoie nesse processo. Tradicionalmente, o tema tem sido abordado a partir do modelo médico, definindo e categorizando essa condição como patologia. No entanto, no campo da Educação, o que deve nos pautar é o modelo social de deficiência que demanda constituir a acessibilidade pedagógica numa sala de aula.

Consideramos a aplicação dos princípios do DUA como uma estratégia inclusiva de ensino em sala de aula onde haja alunos/as com e sem Transtorno do Espectro Autista – TEA, todos/as no processo de alfabetização. A forma como a alfabetização acontece junto às crianças com TEA é um tema que afeta e desafia as escolas, por isso a temática é tão relevante e necessária. Assim, trazemos a importância das estratégias pedagógicas na alfabetização de crianças com TEA sem o condicionamento ao diagnóstico clínico. Como pedagogas, entendemos que os/as alunos/as possuem capacidade de aprendizagem e características individuais que podem ser trabalhadas e aperfeiçoadas, o que exige o olhar questionador do/da professor/a.

Nesta investigação, optamos pela metodologia da pesquisa narrativa combinada com a pesquisa de desenvolvimento. Ouvimos as professoras e, com elas, desenvolvemos um objeto de aprendizagem com base no DUA, que as apoie numa abordagem pedagógica inclusiva. Todavia, aqui destacamos as narrativas das professoras.

O texto está organizado em dois eixos: *Aproximando o DUA dos desafios da inclusão escolar dos/das estudantes com TEA* e *Pesquisa narrativa com duas professoras sobre os desafios e as possibilidades no processo de inclusão escolar*.

Aproximando o DUA dos desafios da inclusão escolar dos/das estudantes com TEA

Entendemos a relevância da troca entre pares nos ambientes escolares. Os/as alunos/as, tanto com e sem TEA, devem ter acesso à aprendizagem como um direito próprio e individual. Por isso, o/a professor/a tem a responsabilidade de ministrar os conteúdos de diferentes maneiras, para que o/a aluno/a seja alcançado/a e tocado/a para se desenvolver. De acordo com Maria Teresa Mantoan, a premissa básica da Educação Inclusiva é a construção de um sistema aberto a todos/as, para que consigam aprender, derrubando barreiras impostas pela marcação social da diferença com discriminação e exclusão. Precisamos reconhecer a igualdade do aprender como ponto de partida, e as diferenças no ensino e aprendizagem como processo e ponto de chegada (MANTOAN & PRIETO, 2006).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª Edição – DSM-V (APA, 2013) classifica o Transtorno do Espectro Autista – TEA por níveis de comprometimento: N1 (autismo leve), N2 (autismo moderado) e N3 (autismo grave/severo). De acordo com essa classificação, existe uma demanda de maior apoio ao indivíduo. Analisando o DSM, percebemos que o documento enfatiza a falta de alguma coisa, aplicando um caráter reducionista, inclusive para os processos de ensino e aprendizagem e desenvolvimento. O DSM não diz que a criança não é capaz de aprender, mas aponta indícios para que o/a leitor/a entenda dessa forma.

Há uma grande dificuldade em apresentarmos e caracterizarmos o Transtorno do Espectro Autista – TEA na perspectiva pedagógica, pois predomina a visão médica. Uma das propostas deste artigo é problematizar essa condição e buscar caracterizar as situações pedagógicas no processo de inclusão desse/a aluno/a. Sobre o processo de inclusão, as autoras Sílvia Orrú e Maria Teresa Mantoan afirmam:

O TEA em seu quadro sintomático pode se repetir em sua manifestação por todo o planeta, no entanto, as pessoas não se repetem, elas são únicas, singulares e antes de qualquer diagnóstico, são seres humanos que devem ser respeitados em todas as suas demandas e direitos sociais (ORRÚ & MANTOAM, 2019, p. 23).

Consideramos que existe o perigo da supervalorização do diagnóstico no ambiente escolar. No entanto, o espaço escolar é rico por sua variabilidade e deve respeitar o direito de todas as crianças a momentos educativos marcados pelo acolhimento e múltiplas possibilidades de desenvolvimento.

A Educação Inclusiva tende a ressignificar todos os processos tradicionalmente instaurados e, principalmente, nos faz olhar a fundo quem é esse/a indivíduo/a se desenvolvendo em sua plenitude. A escola, de acordo com essa perspectiva, deve atuar como um espaço acolhedor e uma comunidade de conhecimento, eliminando possíveis obstáculos e apoiando a todos/a e cada um/uma.

É necessário que o/a professor/a se desprenda de modelos convencionais vinculados à escola tradicional e repense sua prática. Mesas enfileiradas, todos/as os/as alunos/as produzindo com o mesmo objetivo, a falta de conversa que representa uma ordem, o tempo calculado e inflexível, avaliações sistemáticas e o/a professor/a como o/a detentor/a de conhecimento. Temos que refletir sobre o tempo no qual é observado/a o/a aluno/a em sua totalidade, suas reais potencialidades e suas dificuldades, para que possa superá-las. O Desenho Universal para Aprendizagem exige

respeito às múltiplas espacialidades/temporalidades da aprendizagem humana, oportunizando as diferentes estações de construção do conhecimento, onde seja possível também inverter os inícios a partir dos desejos, possibilidades e habilidades de cada um (COSTA-RENDERS *et al*, 2020, p 14).

O erro e as dificuldades do/da aluno/a (com ou sem TEA) são geralmente vistos como empecilhos para a aprendizagem. A escola, para ser inclusiva, precisa superar a normalização e a rotulação dos/das sujeitos/as, oportunizando espaços e tempos flexíveis com o necessário reconhecimento mútuo e o aprendizado para todos/as. Somos iguais nos direitos, mas diferentes, e por isso existe a necessidade de equiparação de oportunidades, dando chances aos/as que sofrem com a discriminação, oferecendo condições para as mesmas oportunidades. É necessário trabalhar nas escolas a importância da equidade, que passa a ser relevante nesse aspecto.

Enquanto comunidade escolar, alguns pontos precisam ser pensados e solucionados: temos respeito por quem consegue aprender diferentemente de nós? O que podemos fazer para dar visibilidade às potencialidades do/da outro/a? Já que todos/as podem aprender, no que posso apoiá-los/las para que consigam, não da mesma forma que eu, algo que seja relevante também? São perguntas que norteiam o processo reflexivo no campo da Educação Inclusiva.

O DUA é uma abordagem curricular que procura reduzir as barreiras ao ensino e à aprendizagem. Considera e valoriza as diferentes formas de aprender e jamais desconsidera ou exclui habilidades de cada indivíduo/a. Inspirado no conceito de *design*, foi pensado em estruturas que esperam eliminar barreiras de acessibilidade. NUNES & MADUREIRA, 2015 relatam que essa abordagem foi desenvolvida nos Estados Unidos por David Rose, Anne Meyer e outros/as pesquisadores/as, com o apoio do Departamento de Educação. Segue princípios e estratégias que permitem ao/à professor/a definir objetivos de ensino e criar materiais e formas de avaliação que se adequem a todos/as os/as

alunos/as, de modo que possam aprender (CAST, 2014). As autoras ressaltam que a abordagem do DUA permite que o/a docente desenvolva planos de trabalho que levam em conta a diversidade dos/das estudantes, considerando suas habilidades e o que sabem, o que aprendem, como aprendem e por que aprendem. Além disso, permite refletir sobre o acesso aos recursos que os/as alunos/as necessitam para aprender, por meio de abordagens que sejam flexíveis, personalizadas e adequadas às diversas necessidades do grupo e do/da indivíduo/a (NUNES & MADUREIRA, 2015).

O DUA é uma proposta para que todos/as sejam incluídos no processo de ensino-aprendizagem, sem exclusões ou julgamentos, acolhendo os/as que têm deficiência e os/as que não têm. Desse modo, propõe três diretrizes que devem nortear o planejamento do ensino inclusivo, a saber:

Princípio I: Proporcionar modos múltiplos de apresentação (o “que” da aprendizagem). Princípio II: Proporcionar modos múltiplos de ação e expressão (o “como” da aprendizagem). Princípio III: Proporcionar modos múltiplos de autoenvolvimento (o “porquê” da aprendizagem) (CAST, 2011).

A partir dessas diretrizes, o/a professor/a deve ter um olhar para cada indivíduo/a, enxergar o potencial de cada um/uma, incentivando e oferecendo estratégias múltiplas para o desenvolvimento na escolarização. Considerando um ambiente inclusivo, onde todos/as são valorizados/as pelo seu conhecimento e possuem espaço para explorar diferentes formas de alcançar a aprendizagem, o DUA pode apoiar também o processo da alfabetização, com diversas estratégias que envolvem a todos/as e cada um/a, garantindo acessibilidade curricular. Também incentiva professores/as a atentar para as diferentes necessidades e capacidades dos/das alunos/as, removendo qualquer barreira e criando novas possibilidades no ensino, o que traz uma redução da necessidade de adaptações curriculares individuais; propõe o enfrentamento dos padrões de ensino, pois considera necessária a construção de práticas pedagógicas acessíveis para o combate aos problemas de escolarização vivenciados pelos/as alunos/as.

É preciso considerar o/a estudante com e sem deficiência, por isso, quando trazemos o contexto da alfabetização para crianças com e sem TEA, defendemos a necessidade de oportunizar diferentes formas para que os/as alunos/as avancem, levando em conta suas diferenças e habilidades. Nesse sentido, a Pedagogia dos Multiletramentos também traz um viés vinculado à Educação Inclusiva e ao DUA, pois evidencia a importância da multimodalidade na perspectiva pedagógica, considerando os/as alunos com autismo no processo de aquisição da escrita. Todas as crianças possuem características diferentes entre si, logo, algumas se expressam melhor usando a oralidade, outras por meio do desenho e algumas até pela língua de sinais.

No artigo elaborado pelo Grupo de Nova Londres, intitulado *Uma pedagogia dos multiletramentos: projetando futuros sociais*, os/as autores/as enfatizam que, além de superar as

abordagens tradicionais de ensino, essa perspectiva também segue “a ação de negociar as múltiplas diferenças linguísticas e culturais em nossa sociedade, é central para a pragmática da vida profissional, cívica e privada dos alunos” (GRUPO DE NOVA LONDRES, 2021, p. 102). Além disso, nas palavras dos/as autores/as:

O uso de abordagens da pedagogia dos multiletramentos permitirá que os alunos alcancem duplamente objetivos de aprendizagem do campo do letramento: evoluindo no acesso à linguagem do trabalho, do poder e da comunidade, e fomentando o engajamento crítico necessário para projetar seu futuro social, alcançando sucesso por meio de trabalhos realizadores (GRUPO DE NOVA LONDRES, 2021, p. 102)

Em outras palavras, a Pedagogia dos Multiletramentos é uma forma de preparar os/as estudantes para a vida social, fora da sala de aula, defendendo uma participação ativa do/da estudante na sua aprendizagem, para que seja plena e equitativa em todas as instâncias. Sendo assim, tem por objetivo dar conta do mundo globalizado em que vivemos, dotado de diferenças culturais e linguisticamente diverso (GRUPO DE NOVA LONDRES, 2021).

Cabe ao/à professor/a, como um/a mediador/a da aprendizagem, identificar quais as potencialidades de cada aluno/a e valorizar suas formas de expressão. Quando o/a professor/a oferece múltiplas possibilidades e faz uma articulação entre elas, como a escrita manual e digital, a leitura de textos digitais e impressos, uso de imagens, sons, vídeos e músicas, ele/ela tende a contribuir para uma aprendizagem completa e mais dinâmica, saindo dos modelos tradicionais de ensino. Nesse sentido, o/a aluno/a é convidado/a a ser autor/a e participante de sua aprendizagem e não um/uma reproduzidor/a de padrões com propostas inflexíveis e repetitivas.

Aproximando-nos dos princípios do DUA, cujo objetivo central é a acessibilidade e o direito à educação escolar sem barreiras, importa considerarmos as modificações no processo de alfabetização que envolva alunos/as com e sem TEA, numa sala de aula regular. Trabalhar diferentes propostas, dando oportunidade para que cada aluno/a se identifique mais ou menos com cada atividade é importante e deve fazer parte do processo de aprendizagem.

Na próxima sessão, apresentamos a fala das professoras entrevistadas, com seus relatos sobre os desafios e as possibilidades de abordagens pedagógicas que podem ser uma ponte no processo de inclusão escolar de alunos/as com TEA. Importa esclarecer, no entanto, que o Desenho Universal para Aprendizagem apresenta-se aqui com um suporte para o ensino numa sala onde há alunos/as com e sem TEA. Ele não se reduz ao ensino para pessoas com deficiência, pois tem fundamentação epistemológica no paradigma da inclusão.

Pesquisa narrativa com duas professoras sobre os desafios e possibilidades do processo de inclusão escolar

Duas escolas constituíram o campo de pesquisa, uma pública e uma privada, ambas situadas na cidade de São Paulo. A pesquisa considerou o trabalho de duas professoras e os desafios encontrados por elas no dia a dia do processo de alfabetização, em salas onde há alunos/as com Transtorno do Espectro Autista.

Os procedimentos utilizados foram as entrevistas, rodas de conversa e análise de material para planejamento do/da professor/a. A partir disso, foi elaborado um objeto de aprendizagem fundamentado no DUA, o qual se destinou a apoiar o trabalho das professoras.

Aproximando-nos das professoras por meio das entrevistas

Nas entrevistas foi feito o levantamento dos desafios enfrentados pelas professoras no dia a dia em uma sala de aula heterogênea, onde há alunos/as com e sem TEA. Buscamos conhecer e analisar as ações dessas professoras no cotidiano, recolhendo suas experiências mais desafiadoras. Na roda de conversa, conversamos sobre o objeto de aprendizagem, fazendo uma tematização das entrevistas individuais. Desse modo, desenvolvemos a primeira versão do objeto de aprendizagem. As entrevistas e a roda de conversa foram realizadas no ambiente virtual, na plataforma Zoom, em função da situação pandêmica causada pela Covid-19.

A primeira entrevista aconteceu com uma professora da rede pública de ensino, Flora, especialista em Educação Especial e Atendimento Educacional Especializado – AEE. A segunda entrevista aconteceu na rede privada de ensino, com uma professora iniciante, Jasmin. Na primeira entrevista, a partir das falas da professora Flora, foi possível identificar alguns desafios: a persistente visão médica na escola; os reducionismos da racionalidade cartesiana que classifica os/as sujeitos/as (como no uso do termo ‘alunos de inclusão’); o desrespeito à corporeidade dos/das sujeitos/as, bem como a necessidade do desenvolvimento profissional docente no campo da Educação Inclusiva. Algumas falas dessa professora da rede pública, que tinha maior experiência com o processo inclusivo, foram as registradas nos relatos a seguir:

“Não é fácil, mas precisamos trabalhar de maneira integrada para identificar as potencialidades do outro” (Flora, relato 1, 2022).

“Temos o olhar da sensibilidade, olhar o outro e um complementar a fala do outro. O que eu não consigo enxergar, meu colega consegue e me ajuda, isso é trabalhar de maneira integrada” (Flora, relato 2, 2022).

“Educação Inclusiva é isso, olhar o outro e ver potencialidades e não é só a deficiência, todos nós somos deficientes em algo, as pessoas não sabem o que é a Educação Inclusiva” (Flora, relato 3, 2022).

“Atendi alunos com autismo severo que não se alfabetizaram até o período que acompanhei, um déficit grande, sem oralidade, mas tinham um raciocínio lógico fantástico, eram realmente brilhantes” (Flora, relato 4, 2022).

Em aproximação com os princípios do DUA, a professora reconheceu que todo/a aluno/a aprende diferentemente, tem em perspectiva a variabilidade no processo de desenvolvimento dos/das estudantes e a relevância do olhar sensível nos processos inclusivos. Por outro lado, a narrativa retrata a interação da professora com o/a aluno/a com TEA, sendo que os/as demais alunos/as desapareceram nas cenas narradas. Isso sinaliza uma tendência à focalização no/na sujeito/a, mesmo diante da seguinte afirmação:

“quando me perguntam se eu tenho atividade pronta para criança com autismo, eu penso não é possível que tem gente que ainda acha que é assim, algo pronto vai dar jeito. Isso precisa ser desconstruído - a pessoa acha que aquela criança é igual aos demais - e não é, cada um é um” (Flora, relato 5, 2022)

A Educação Inclusiva e o DUA consideram que cada criança tem o seu processo de desenvolvimento e precisa de uma intervenção específica, sua aprendizagem é singular, tendo deficiência ou não. Enquadrar todas as crianças para que façam as mesmas coisas não estimula a autonomia e nem propicia êxito acadêmico.

Na segunda entrevista, realizada com Jasmin, professora que atua na rede privada, ficou evidente a importância da troca e do diálogo com outros/as profissionais da área da Educação. Por estar iniciando sua carreira, Jasmin carrega muitas dúvidas, dificilmente dialogadas em seu espaço de trabalho. Mas essa professora traz uma vontade grande de modificar a realidade na qual está inserida, a fim de ajudar uma aluna com TEA a se desenvolver com os/as demais colegas em seu espaço de aprendizagem. Ela relata o seguinte:

“Ela adora inglês e se sai muito bem nessa matéria, mas odeia escrever e por isso, tem mais habilidade na parte oral do inglês. Não tem muita concentração e gosta muito de massinha e desenho, ela só faz isso na maior parte do tempo. Tento conseguir as coisas com ela pelos combinados, mas nem sempre dá certo, as vezes fico muito cansada e estressada. A professora que eu trabalho também não sabe o que fazer e a coordenação não tem estratégia. A mãe sempre pergunta como a menina está, e nem isso posso falar porque a escola me proíbe, tem medo que eu fale demais, ou fale alguma coisa que a escola se comprometa e dê futuros problemas depois. Percebo que a mãe se sente abandonada e ela mostra ser muito disponível, está ali para somar sabe? Deveria ter uma auxiliar só para ela, porque eu fico com ela e com o restante da sala inteira também. As atividades para ela as vezes são diferentes e as vezes são iguais ao restante da turma. As provas sempre foram as mesmas, sem adaptação” (Jasmin, relato 1, 2022).

Foi possível notar semelhanças e diferenças em relação à primeira professora entrevistada. Em função da sua forma de expressão, Jasmin foi mais concisa, apresentando informações importantes sobre a realidade enfrentada por ela na escola em que atua. Desse modo, conseguimos estabelecer relações com a realidade enfrentada por outros/

as profissionais que possuem um olhar diferenciado sobre seus/suas alunos/as, mas não sabem por onde começar.

Havia uma afinidade entre as duas histórias. A primeira entrevistada, Flora, acredita na inclusão e demonstrou um conhecimento vasto a respeito. A segunda, Jasmin, também confia na Educação Inclusiva e, ainda iniciando a jornada como professora, demonstrou a importância da comunicação entre profissionais, dentro e fora do ambiente escolar, para que haja a oportunidade de aquisição de conhecimento e promoção da Educação Inclusiva, valorizando e considerando a todos/as.

Troca de experiências nas rodas de conversa

As rodas de conversa nos remetem a dois encontros com as professoras. O objetivo foi retomar os desafios apontados por elas nas entrevistas e discutirmos, juntas, possibilidades e estratégias a partir do processo de inclusão da aluna da professora Jasmin. Retomamos o caso dessa aluna, e Flora, por ser especialista em AEE e ter mais anos de experiência, trouxe algumas colaborações que enriqueceram os diálogos. Pensando em todas as dificuldades apontadas no dia a dia com relação a aprendizagem e comportamentos da estudante, passamos a considerar uma forma de apoiar Jasmin e sua aluna, para que a inclusão pudesse acontecer na realidade de ambas.

De acordo com o relato de Jasmin, a estudante pouco participava das propostas ofertadas pela professora titular, ficando constantemente à parte do vivenciado pelas outras crianças, com um rótulo que dificultava mais ainda seu envolvimento no dia a dia. Além disso, a escola se mostrava fechada, mesmo quando Jasmin procurava por melhorias nas vivências da aluna com TEA. Toda essa realidade apresentada mostrou que, ainda hoje, com todas as políticas públicas que existem e foram conquistadas, não se garante que a inclusão aconteça. Por isso, passa a ser essencial a troca de experiências entre os/as profissionais da Educação.

Durante as rodas de conversa, foram apontados alguns desafios vivenciados pelas professoras participantes: falta de autonomia do/da professor/a em sala de aula, solidão do/da professor/a pela ausência do trabalho colaborativo, dependência dos laudos médicos para dar andamento ou suporte ao trabalho pedagógico, ausência de Atendimento Educacional Especializado – AEE nas escolas particulares, abandono da criança com TEA na escola e utilização da abordagem comportamental. Além disso, existe uma dificuldade em estabelecer e garantir a comunicação com o/a aluno/a com TEA – considerando outras possibilidades de comunicação, sem ser a verbal. Há um descrédito de algumas escolas sobre as múltiplas possibilidades de aprendizagem, o que reflete a falta de apoio para a inclusão escolar.

Em contrapartida, foram apresentadas possibilidades que confrontam os desafios colocados: a importância da socialização das práticas pedagógicas e do trabalho colaborativo, possível nas relações entre o atendimento educacional especializado, professores/

as e direção; a questão dos laudos médicos que existem, mas não impedem o trabalho do/da professor/a em sala de aula; a existência do Atendimento Educacional Especializado e como ele pode auxiliar e complementar a aprendizagem do/da aluno/a; a importância de a equipe pedagógica visualizar as múltiplas possibilidades que existem em sala de aula, para que se promova um desenvolvimento integral de todos/as os/as alunos/as, e a eficiência de outras formas de comunicação, além da verbalização, como o uso de pranchas de Comunicação Alternativa – CAA e da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Entre os desafios encontrados nas falas das professoras destaca-se a dependência dos laudos médicos para saber como proceder no ambiente escolar. Nas palavras de Jasmin: *“Tenho uma aluna com autismo, ela tem 8 anos. Como não tenho acesso aos laudos, não sei exatamente o grau de autismo que ela tem, mas eu tenho certeza que é daqueles severos”* (Jasmin, relato 2022). Nesse momento, Flora traz uma dica, pontuando a importância do olhar atento e individualizado a cada aluno/a, independentemente de laudos médicos ou possíveis dificuldades do dia a dia:

“Lá na escola você precisa falar que precisam fazer um plano individualizado para ela e assim, desenhar melhor esse percurso. Saber o que ela aceita melhor, o que ela já assimilou, quais as estratégias que ela aceita, quanto tempo cada estratégia acontece de forma mais eficaz... são muitos itens a serem discutidos. É realmente um estudo de caso a ser feito pela comunidade escolar” (Flora, relato 6, 2022)

Todavia, Jasmin pontua a falta de espaço em seu trabalho, por ser professora iniciante. Mesmo interessada e focada em mudar a realidade de sua aluna, ela sente ter pouco espaço para provocar essas mudanças e a mentalidade da escola. Essa falta de autonomia traz uma estagnação e mantém as barreiras à Educação Inclusiva.

Nesse sentido, o AEE, quando bem articulado, deve ofertar mais acesso a quem precisa e envolver os/as estudantes em seu processo de ensino-aprendizagem, garantindo a acessibilidade. Deveria existir em todos os espaços de educação, públicos ou privados, sendo um direito de todas as famílias e alunos/as. O envolvimento da escola como um todo é essencial, e Flora traz esse contexto:

“Depois que eu faço um plano individualizado, eu faço uma lista de materiais que preciso usar com aquele aluno para a direção e eles que providenciam isso para que o trabalho possa acontecer. Quando não se tem o apoio da direção, e até mesmo da professora de sala, eu acho que o trabalho fica parado, não avança. Uma pessoa sozinha não dá conta de tudo” (Flora, relato 7, 2022).

Com isso, podemos relacionar algumas de suas falas com a perspectiva do DUA e dos multiletramentos, pois notamos em sua fala a importância de uma aprendizagem com múltiplos recursos, com diferentes linguagens:

“usar o material visual, estabelecer a rotina, é organização [...] eu já tive criança com TEA que era importante para ela, não é um monte de cartaz sem contexto, e sim com objetivo para ela. Precisa atribuir significado e nada é fixo, se não tiver mais sentido você tira e avança”

para outra proposta, mas o recurso visual é super necessário em alguns momentos” (Flora, relato 8, 2022).

Flora também coloca a importância do olhar individualizado para cada aluno/a, observando suas potencialidades e dificuldades. Esse olhar precisa acontecer com todos os/as alunos/as da turma, e não apenas com os/as que têm algum tipo de deficiência. Seguindo a linha de pensamento da participante e do olhar do DUA, todos/as nós, seres humanos, temos algum tipo de dificuldade durante o momento de aprendizagem, e o/a professor/a, especialista e mediador/a, deve ter essa percepção e recorrer às múltiplas propostas para um melhor aproveitamento.

Jasmin relatou o uso da massinha e do desenho como moeda de troca, para que a aluna realizasse as atividades propostas; foi observado um regresso da aluna, pois antes ela aceitava essas duas atividades, depois, nem isso queria fazer, se isolando embaixo das mesas. A professora coloca:

“Foi como eu falei... eu sinto que ela está abandonada mesmo na escola, mas não tenho espaço para falar nada... eu tenho medo de falar alguma coisa e me prejudicar. Eu sei que existe um relatório que vai junto com as avaliações dela para a professora do ano que vem... nesse relatório tem o grau de autismo dela, a escola sempre fala nisso, então deve estar escrito lá” (Jasmin, relato 3, 2022)

Quando a escola é resistente em construir um pensamento inclusivo, a criança com TEA fica abandonada no espaço escolar, sendo que o discurso médico tende a se repetir, baseando-se no laudo para justificar a não aprendizagem da aluna e sua exclusão. Novamente, identifica-se uma violação ao direito educacional nesse relato.

Refletindo sobre o caso trazido por Jasmin sobre sua aluna com TEA, a comunidade escolar da qual a aluna fazia parte pouco se interessava por seu avanço escolar. A escola não cumpria a lei que dispõe sobre o AEE e, portanto, também não tinha o Plano de Desenvolvimento Individual – PDI, normalmente elaborado pelo/a profissional do AEE. Como apontado por Flora, o PDI é um documento que tem por objetivo atender às necessidades específicas de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, a fim de superar as barreiras à aprendizagem diagnosticadas no contexto escolar. Esse documento é composto por informações a respeito do/da estudante, dados familiares, trajetória escolar, avaliações gerais da família, escola e aluno/a. Esse estudo de caso tende a contribuir para que tanto o/a professor como o/a especialista em AEE oportunizem novas estratégias para o progresso desse/a estudante.

Entende-se que, em uma comunidade escolar, todos/as os/as profissionais são responsáveis pela aprendizagem e bom desenvolvimento do/da aluno/a, além de conhecerem e participarem das conquistas e desafios, atuando de forma responsável. As escolas particulares e públicas que não atribuem esse papel a todos/as na comunidade escolar tendem a deixar o processo inclusivo limitado.

Esse papel responsável da escola é visto quando ela segue as leis em sua completude e demonstra preocupação em acolher a todos/as, sem distinção, inclusive ao dar apoio às necessidades e dificuldades encontradas pelos/as professores/as na jornada de educar, que não são poucas. Escolas reflexivas encontram espaço para diálogo e acolhimento de famílias, profissionais e alunos/as, demonstrando atenção individual a cada estudante, ofertando o que for necessário para que avance em seu desenvolvimento juntamente com a turma. Trata-se do educar a todos/as e cada um/a nos termos do Desenho Universal para Aprendizagem. Oferecer o Atendimento Educacional Especializado com profissionais capacitados/as e uma comunidade escolar participante é uma forma de manter esse olhar cuidadoso. Importa questionar, portanto: quais as possibilidades de uma professora dedicada que quer fazer a diferença, mas não conta com o suporte da gestão escolar? O potencial do DUA é extremamente reduzido quando não se tem o trabalho coletivo e colaborativo na escola.

Nesse sentido, a aluna de Jasmin, desmotivada, não participava das atividades repetitivas e inflexíveis que todos/as os/as outros/as estudantes eram convidados/as a realizar. Nesses momentos, ela se isolava embaixo das mesas ou até mesmo se retirava da sala e andava pelos espaços escolares. Nas falas de Jasmim, notamos inquietação e vontade de mudar a realidade descrita, mas ela tinha poucos recursos para essa mudança, já que nem era ouvida pela direção da escola. Além disso, tinha certo receio de se prejudicar institucionalmente, ao tentar propor qualquer inovação no planejamento da turma ou pensamento voltado à inclusão.

O problema central nesse caso foi o desrespeito à singularidade de cada aluno/a, numa abordagem pedagógica padronizada. Não só a estudante com TEA, mas todos/as os/as outros/as alunos/as da sala eram convidados/as a fazer as mesmas atividades, no mesmo tempo e nas mesmas circunstâncias. Sabemos que essa falta de flexibilidade e ausência de um olhar individualizado no trabalho pedagógico pode engessar o processo de ensino-aprendizagem, criando barreiras curriculares e limitando o avanço de alunos/as com e sem TEA.

Pensando nas contribuições do DUA em um processo de alfabetização inclusivo, no contexto de uma sala de aula onde há crianças com e sem TEA, propomos, ao final da pesquisa, uma sequência de práticas inclusivas que envolvem todos/as os/as alunos/as, respeitando a singularidade de cada um/a. No processo de alfabetização, entendemos que os textos multimodais podem ser uma possibilidade de apresentação do conteúdo em diferentes meios, garantindo a acessibilidade e a comunicação. O que vai ao encontro dos princípios do DUA, que defende a abordagem pedagógica inclusiva como um suporte para que a prática pedagógica seja acolhedora e envolva a todos/as, respeitando os singulares processos de representação, ação e expressão e engajamento dos/das estudantes.

Considerações finais

A pergunta que originou a pesquisa que fundamenta este artigo foi a seguinte: *quais as contribuições do Desenho Universal para Aprendizagem no processo de alfabetização inclusivo, no contexto de uma sala de aula onde há crianças com e sem TEA?* A partir do estudo do referencial teórico e da pesquisa de campo, entendemos que conseguimos responde-la, não de forma definitiva, evidentemente, mas com uma contribuição da pesquisa ao campo da Educação Inclusiva.

O Desenho Universal para Aprendizagem proporciona um olhar individualizado para cada estudante, suas potencialidades e dificuldades. Também oportuniza uma escuta atenta, para que o/a professor/a consiga delinear as estratégias que serão utilizadas em sala de aula, a fim de possibilitar que o/a aluno/a avance e se desenvolva juntamente com a turma. Pensando no processo de alfabetização, que por si só é complexo e desafiador, acolher a todos/as os/as alunos/as em sua singularidade é fundamental, para que exista um bom desenvolvimento nesse processo de escolarização.

Por possibilitar a reflexão do/da professor/a sobre a variabilidade presente em sala de aula, o DUA vai ao encontro dos princípios da Educação Inclusiva, pois prevê que a escola deve oportunizar diversas estratégias para que todos/as os/as alunos/as sejam reconhecidos/as e estimulados/as em seu potencial. Quando se identificam as reais potencialidades de cada um/uma, temos a oportunidade, como pedagogos/as, de criar estratégias para que o/a aluno/a possa se desenvolver e avançar, respeitando seu tempo e seus limites.

Além de orientar uma aprendizagem focada na diversidade de recursos para que todos/as sejam protagonistas em seu processo de construção do conhecimento, o DUA percebe o/a aluno/a como ser único, com interesses e capacidades individuais. Oportunizar diversas ferramentas para que os/as alunos/as possam refletir e avançar está ao alcance do/da professor/a e pode ser uma possibilidade de enfrentamento do fracasso escolar e da rotulação do/da aluno/a. Por isso, tanto o DUA quanto a Pedagogia dos Multiletramentos podem contribuir para um processo de alfabetização inclusivo em um contexto escolar onde há crianças com e sem TEA.

A fim de auxiliar o/a professor/a em sua jornada inclusiva, foi elaborado um caderno didático, instrumento que considera o processo de inclusão escolar de um/uma estudante com TEA, de forma a trabalhar com a sala toda, sem discriminação e/ou rotulação. As propostas foram pensadas para todos/as os/as alunos/as, sem excluir ou segmentar. Seguimos a Base Nacional Comum Curricular, os princípios básicos do Desenho Universal para Aprendizagem e o conceito da Pedagogia dos Multiletramentos, considerando os/as indivíduos/as como seres únicos/as e com habilidades.

O caderno didático traz cinco propostas, que os/as professores poderão utilizar adequando e ampliando de acordo com seu cronograma pedagógico. Por ser aplicável a toda turma, tem um enfoque inclusivo e não adaptativo/integrativo. O objetivo é que todos/as

os/as alunos/as participem, sejam respeitados/as em seus limites e potencialidades, com o olhar da Educação Inclusiva.¹

Quando pensamos em propostas diversificadas na Pedagogia dos Multiletramentos e no DUA, estamos nos referindo a respeitar limites e oportunizar possibilidades. Essas propostas são uma alternativa para a aproximação dos interesses de cada um/a, pois entendemos que quanto mais propostas, maior a chance de alcançar a todos/as. Saber que os/as alunos/as vivenciam uma variabilidade é entender que mudam constantemente e é preciso acompanhar essa ritmicidade.

Durante o processo de pesquisa, algumas reflexões surgiram, sobre os desafios do desenvolvimento profissional docente no campo da Educação Inclusiva, a persistente visão médica na escola, o desafio da interação entre professor/a e aluno/a com TEA, o espaço para o/a profissional em aprendizagem dentro da escola, a desvalorização do/da professor/a em seu início de profissão, o desafio da comunicação entre família, especialistas e professores/as, dentro e fora do espaço escolar, e o papel da escola na maneira como a inclusão acontece.

Ao pensar sobre todos esses pontos ao longo da realização da pesquisa, entendemos que: é importante a desmedicalização da Educação, rompendo com a dependência de laudos médicos para o fazer pedagógico; todo/a aluno/a aprende de forma diferente, o que nos remete ao respeito à variabilidade dos/das estudantes segundo o DUA; é complexo o processo de alfabetização para todos/as os/as alunos/as, mas é importante o oferecimento do Atendimento Educacional Especializado – AEE como apoio ao trabalho em sala de aula; o DUA contribui para acessibilidade comunicacional e confronta o ‘fazer igual’ e inflexível da sala de aula, apontando para a relevância da Pedagogia dos Multiletramentos.

Falar sobre infância e aprendizagem é respeitar as etapas em todos os sentidos e contextos. É entender que cada um/uma se desenvolve num ritmo, numa frequência e que cada tempo é o tempo certo. No dia a dia, as crianças são atravessadas pela pressa e correria do mundo adulto e são pouco ouvidas, pouco olhadas em sua totalidade, deixando que o próprio sistema embrutecedor limite sua criatividade e suas descobertas. As crianças, com deficiência ou não, precisam de espaço, de atenção, de um olhar sincero e atento do/da adulto/a, de mediações que potencializem o que já sabem e que movimentem outros conhecimentos. Para acolher e entender cada um/uma em sua singularidade não é necessário um laudo médico, é preciso atuar com criticidade sobre o modelo médico no contexto escolar.

O que se sabe é que muitos/as profissionais da educação se apoiam e se escondem atrás dos laudos médicos sobre seus/suas alunos/as, talvez para justificar a não aprendizagem ou até mesmo por não terem apoio da própria escola. Mas a abordagem médica na Educação tem muitos limites. Podemos dizer que o que acontece constantemente é o olhar médico em disputa com o olhar pedagógico, sendo esta pesquisa uma crítica a essa influência no contexto escolar que, muitas vezes, limita e empobrece o trabalho

pedagógico. Nós, professores/as e pedagogos/as, temos uma luta, dia após dia, para fazer um trabalho de excelência pedagógica em relação às crianças, independentemente desses laudos médicos.

O que algumas vezes pode limitar o trabalho é a falta de um olhar individualizado, combinado com um padrão de propostas repetitivas e que não envolvem todos/as. Nesse contexto, apenas alguns/umas alunos/as participam, e grande parte é deixada de lado. Identificamos que o maior problema é usar apenas um único meio, desconsiderando a pluralidade no modo de aprender. Defendemos propostas diversificadas que oportunizem meios e trajetórias significativas de aprendizagem.

Recebido em: 23/11/2022; Aprovado em: 06/03/2024.

Notas

- 1 Esse objeto de aprendizagem pode ser acessado no seguinte link: <<https://read.bookcreator.com/rPdeYjT-MIKcSMvNnIY0a5nRYEA2/DWNbwNzmSma-tkLQpzVK6A>>.

Referências

- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA – APA. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorder – DSM-V. 5. Ed, 2013. Disponível em: <<http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Secretaria de Educação Especial. Brasília, DF: MEC; SEESP, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2021.
- CENTER FOR APPLIED SPECIAL TECHNOLOGY – CAST. *Universal Design for Learning guidelines version 2.0*. Wakefield, MA: Author, 2011. Disponível em: <<http://www.cast.org/udl/index.html>>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina; BRACKEN, Sean & APARÍCIO, Ana Sílvia Moço. O Design Universal para a Aprendizagem e a Pedagogia das Estações: as múltiplas temporalidades/espacialidades do aprender nas escolas. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 36, e229690, 2020.
- GRUPO DE NOVA LONDRES. Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuros Sociais. Tradução de Deise Nancy de Moraes *et al.* *Revista Linguagem em Foco*, v.13, n.2, 2021. p. 101-145. (Título original: A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures). Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/linguagemem-foco/article/view/5578>>. Acesso em: 12 dez. 2021.
- MADUREIRA, Isabel & NUNES, Clarice. Desenho universal para aprendizagem: construindo práticas pedagógicas inclusivas. *Da Investigação às Práticas*, Lisboa, v. 5, n. 2, p. 126-143, 2015.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* (Coleção Novas Arquiteturas Pedagógicas). São Paulo: Summus, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér & PRIETO, Rosângela Gavioli. *Inclusão escolar: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2006.

ORRÚ, Sílvia Ester & MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Aprendizes com autismo: aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes*. Petrópolis: Vozes, 2019.